

ALFABETIZAR JOVENS E ADULTOS COM SUPORTE DE MEIOS DIGITAIS

NEGRI F., Paulo – UFPR – paulonegri@gmail.com

TEIXEIRA, Marta – UFPR – martajolie@hotmail.com

(Co-autora) **HARACEMIV**, Sônia – UFPR – sharacemiv@gmail.com

EIXO: Educação de Jovens e Adultos/n.06

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Resumo:

Este artigo se propõe a discutir a possibilidade da alfabetização de jovens e adultos auxiliada pelo uso do microcomputador. Apoiando-se na teoria de Paulo Freire, partimos do pressuposto que educação e tecnologia não constituem uma dicotomia. Como metodologia foi usada entrevista semi-estruturada na qual foram ouvidos alguns alunos e professores de três escolas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) em Curitiba-PR. Um dos aspectos discutidos neste artigo versa sobre a disposição de alunos e professores face ao uso do microcomputador como instrumento de ensino/aprendizagem. Conclui-se apontando para a proposta de que a alfabetização de jovens e adultos com suporte de meios digitais seria um recurso interessante e mesmo necessário no sentido de que além de aprender a ler e a escrever, os estudantes seriam alfabetizando digitais.

Palavras-chave: alfabetização, microcomputador, Paulo Freire, Suely G. Soares.

Abstract:

This article proposes to discuss the possibility of teaching teenagers and adults to read and write through the use of a computer. Supported by Paulo Freire's theory, we consider that education and technology do not constitute a dichotomy. The methodology used was semi-structured interview in which students and teachers from three EJA (Teenager and adult education) schools were interviewed regarding the use of a personal computer as an instrument of teaching/learning. The conclusion was that the proposal of making teenagers and adults literate through digital means would be an

interesting tool and even necessary in the sense that besides learning to read and write, students would also become computer literate.

Keywords: literacy, personal computer, Paulo Freire, Suely G. Soares.

Résumé:

L'objectif de cet article est discuter la possibilité de l'alphabétisation de jeunes et adultes avec l'aide de l'ordinateur. En s'appuyant sur la théorie de Paulo Freire on part de la supposition préalable qu'il n'y a pas de divergence entre éducation et technologie. Comme méthodologie on a utilisé l'entrevue semi-structurée, par laquelle on a écouté quelques élèves et professeurs de trois écoles d'Éducation de Jeunes et Adultes (EJA) à Curitiba. Un des aspects discutés en cet article est la disposition des élèves et professeurs face à l'utilisation de l'ordinateur comme outil d'enseignement/apprentissage. On conclut vers une proposition d'alphabétisation de jeunes et adultes avec l'aide de moyens digitaux comme une ressource intéressante voire nécessaire pour que les étudiants apprennent à lire et à écrire étant au même temps alphabétisés dans le domaine digital.

Mots-clé: alphabétisation, microordinateur, Paulo Freire, Suely G. Soares.

“Mão que foi feita pro cabo da enxada acha a caneta muito pesada.” (Antonio Cícero de Souza, o Ciço, In: BRANDÃO, 1982, p.165)

INTRODUÇÃO

Não é necessário muito esforço para perceber o quão é afetada a auto-estima das pessoas por serem analfabetas, sentindo-se inferiores às “letradas”. Entretanto, na fala do senhor Cícero, o Ciço, fica evidente a dificuldade enfrentada pelo adulto ao se empenhar em um campo novo para ele, o campo da alfabetização.

Surge então, a partir da década de 1980, com a expansão na comercialização dos microcomputadores pessoais uma nova necessidade: a alfabetização digital, fazendo dos alfabetizados do “papel e caneta”, agora, analfabetos digitais, já que a utilização dessa então nova tecnologia, exigiria novas competências além do saber ler e escrever.

O objetivo do presente artigo é discutir a possibilidade da alfabetização de jovens e adultos auxiliada pelo uso do microcomputador. Sendo este um campo novo a explorar com pouca produção científica, partimos de pesquisa empírica com o intuito de saber algumas opiniões sobre esta nova proposta, o alfabetizar por meio do microcomputador. Para isto, a metodologia usada foi entrevista semi-estruturada na qual foram ouvidos alguns alunos e professores de três escolas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Curitiba-PR.

Primeiramente abordaremos alguns dados estatísticos do analfabetismo no Brasil, os conceitos de alfabetização e seu papel na sociedade brasileira. Em segundo lugar trataremos em linhas gerais dos conceitos de tecnologia e de microcomputador. Em terceiro lugar abordaremos a convergência da educação com a tecnologia. Em seguida apresentaremos alguns dados coletados na pesquisa realizada e sua análise. Por último faremos as considerações finais apontando para uma proposta da alfabetização de jovens e adultos com suporte de meios digitais.

I. ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os dados do analfabetismo no Brasil são ainda preocupantes. Basta verificarmos a pesquisa feita pelo IBGE em 2000 quanto ao analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais: o país ainda tem um total de 14,6 milhões de pessoas analfabetas.

Conforme SOARES (2005) alfabetização é um “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Enquanto letramento segundo RIBEIRO

(2003) é algo que “se relaciona com a percepção da ordem da escrita, de seus usos e objetos, bem como de ações que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz com base em conhecimentos e artefatos da cultura escrita.”

Segundo os autores do *National Reading Panel*, citados por CAPOVILLA (2005) fazem parte da alfabetização: consciência fonológica, familiaridade com textos impressos, metalinguagem (uso da própria língua para descrevê-la ou explicá-la), consciência fonêmica, conhecimento do princípio alfabético (as letras representam sons), decodificação, fluência, vocabulário, estratégias de compreensão de textos.

Mas, alfabetizar adultos é diferente de alfabetizar crianças. Álvaro Vieira Pinto em sua obra *Sete Lições sobre Educação de Adultos* (1994, p.72) assim expressa: “a alfabetização do adulto é um processo pedagógico qualitativamente distinto da infantil.” Para este autor a diferença fundamental entre as modalidades de educação do adulto e da criança está na realidade existencial de cada um. O que os distingue são os interesses e a experiência de vida acumulada que cada um possui quando inicia a educação formal.

Enriquecendo esta discussão Paulo Freire em sua prática educativa com adultos mostra que a alfabetização tem um papel essencial na inclusão de adultos em uma sociedade que privilegia as linguagens falada e escrita. Porém, mais que isso para ele a educação deve se preocupar em formar nos alfabetizados uma consciência crítica que se opõe à consciência ingênua.

A escola deve atender às necessidades de seus alunos levando-se em conta que a escola faz parte da sociedade, a qual está em constante mudança. Freire concebe, portanto, o ser humano como ativo em sua realidade e condena a educação bancária. “O homem integra-se e não se acomoda” (FREIRE, 1979, p. 31).

Como participar das mudanças da sociedade se a escola permanecer fechada em si mesma? Em sua obra *Educação e Mudança* (1979) Freire chama a atenção sobre a questão de que não existe dilema entre humanismo e tecnologia. Diz: “O erro desta concepção é tão nefasto como o erro da sua contrária ... que vê na tecnologia a razão dos males do homem moderno ... humanismo e tecnologia não se excluem.” Ainda acrescenta: “ Se meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa.” (FREIRE, 1979, p.22)

Será que a tecnologia poderia ajudar a combater mais rapidamente o analfabetismo e simultaneamente o analfabetismo digital? Para Freire a educação não deve ser restrita,

mas deve acolher o novo e o velho conforme a validade que têm um e outro. Por isso, o diálogo sobre situações concretas e atuais, como por exemplo a tecnologia, torna-se essencial na alfabetização para a conscientização.

II. TECNOLOGIA

O homem sempre procurou formas de simplificar e facilitar seu trabalho, e a necessidade de estimar, de contar seus pertences o levou a criar instrumentos para auxiliá-lo.

Para contar o homem já usou pedrinhas e os próprios dedos, já fez riscos no chão, marcas em ossos, pedaços de pau e placas de barro e até nós em cordões.

Uma das ferramentas criadas pelo homem para auxiliá-lo foi o ábaco. Ele se destaca pela sua simplicidade e eficiência. Trata-se de uma invenção tão simples e eficaz que passou inalterada de civilização para civilização. Ele é uma caixa no qual há contas móveis, enfiadas em hastes. No Japão, ele é denominado *soroban* e, na China, de *suànpan*, que significa “bandeja de calcular”. O ábaco é considerado o primeiro dos computadores. (Brito & Purificação, 2006, p.51)

Os seres humanos nunca se acomodam antes de ter suas tarefas facilitadas ao máximo, para isso desenvolvem técnicas e invenções que vão se aprimorando até o ponto de se ter o menor esforço físico ou cognitivo possível.

Chamamos essas técnicas aprimoradas de tecnologia, termo polissêmico, na medida em que lhe são dados vários significados, dependendo do olhar lançado sobre este fenômeno. Deste ponto de vista, a tecnologia foi apontada por Marx (1975) como uma das forças produtivas que, juntamente com a força de trabalho, garantem a produção de mercadorias em maior quantidade e em menor tempo. A sua comercialização proporciona a acumulação ampliada do capital e a reprodução do capitalismo.

A tecnologia vista como a aplicação de conhecimentos científicos é outro significado que este termo recebe, destacando-se em VARGAS (1994, p.213) que a define como "o estudo ou tratado das aplicações de métodos, teorias, experiências e conclusões das ciências ao conhecimento dos materiais e processos utilizados pela técnica", ou ainda, como "simbiose da técnica com a ciência moderna, consistindo também num conjunto de atividades humanas, associadas a um sistema de símbolos, instrumentos e máquinas visando à construção de obras e a fabricação de produtos, segundo teorias, métodos e processos da ciência moderna." (idem, p.182).

Não se pode deixar de lado que uma das características marcantes da sociedade atual é a polissemia. Portanto, não é pretensão nesta rápida discussão esgotar o tema e nem classificar as possíveis, e por vezes, contraditórias concepções de tecnologia

existentes como equivocadas, mas apenas explicitar algumas formas sob as quais a tecnologia vem sendo interpretada.

A história do microcomputador moderno se inicia na década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, mas só na década de 1970 foi inventado o dispositivo chamado de microprocessador pela empresa Intel Corporation. Já em meados de 1980 chegaram ao mercado os microcomputadores. A popularidade desses emergiu com programas dedicados à edição de textos, planilhas, comunicação e muitos outros, sendo o microcomputador adotado como principal ferramenta de trabalho por muitos profissionais e empresas. Porém na década de 1990 houve outro “boom”, com a popularização da internet, que promoveu grandes mudanças, interferindo na estrutura dos diferentes sistemas e transformando as relações e comunicações globais.

Pode-se suscitar, com o uso do microcomputador em educação, duas perspectivas, uma “instrucional” e outra “construcionista”. Segundo BRITO & PURIFICAÇÃO (2006, p.69-70), “na perspectiva INSTRUCIONAL, o computador é o objeto de estudo. O conhecimento de hardware e software e seus mecanismos passa a ser o objetivo do trabalho de informática...”, já

Na perspectiva CONSTRUCIONISTA, o computador é utilizado como recurso. O termo CONSTRUCIONISTA está diretamente relacionado à denominação CONSTRUTIVISTA. Papert, que trabalhou com Piaget, denominou de CONSTRUCIONISTA a utilização da informática embasada na teoria piagetiana de construção do conhecimento.

Dentro dessa perspectiva, os sujeitos que utilizam o computador podem representar suas idéias, resolver problemas, criar soluções, desenvolver algo. (idem)

Atendo-se à perspectiva “construcionista”, não há interesse em aprofundar-se no funcionamento de hardwares ou softwares computacionais, senão àqueles relacionados exclusivamente ao manuseio eficiente da máquina para promover o aprendizado mais independente, que dá liberdade ao aluno avançar, um aprendizado mais interativo, em que, como citam BRITO & PURIFICAÇÃO, “podem (os estudantes) representar suas idéias, resolver problemas, criar soluções, desenvolver algo.”

III. EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

De acordo com cada época histórica usam-se tipos de tecnologias diferentes, pertinentes à educação, mas ainda hoje temos presente a tecnologia do giz e da lousa, que antigamente eram feitas de pedra. Temos, também, a tecnologia dos livros didáticos e, mais recentemente, um dos grandes desafios é adaptar a educação à tecnologia

moderna e aos meios de comunicação atuais, que acabam funcionando informalmente como meios educativos.

No início do século XXI as tecnologias começam a ser vistas e usadas numa outra perspectiva no processo educativo, deixando de ser encaradas como meras ferramentas que tornam mais eficazes modelos de educação já sedimentados, passando a ser consideradas como elementos estruturantes de "novas" educações (no plural), com o objetivo de expressar a diversidade das culturas e dos processos pedagógicos.

SANCHO (2006, p.35) aponta que um dos problemas para que as Tecnologias da Informação e Comunicação sejam implantadas de forma a gerar resultados eficientes é a cristalização de convicções pedagógicas relativas ao processo educacional, dentre outros, como:

Uma visão estereotipada sobre os alunos e a aprendizagem com base em:

- uma visão dos alunos como carentes: *as crianças são deficientes e a escola deve consertá-los;*
- uma idéia padronizada do desenvolvimento: *todo mundo aprende ou deveria aprender do mesmo jeito;*
- uma percepção escolarizada da aprendizagem: *a aprendizagem acontece na escola, não no mundo.*

Estas convicções fazem parte do dia-a-dia no contexto escolar, a idéia de que todo mundo aprende (ou deveria aprender) do mesmo jeito é tão discutível, mas continua sendo ignorada, principalmente quando se propõe a utilização de um recurso tecnológico que possibilite ao estudante desenvolver seu próprio ritmo de estudo e aprendizagem. Outra barreira importante apontada por SANCHO é a idéia de que a aprendizagem acontece na escola, não no mundo, ignorando-se a presença de outras culturas exteriores que influenciam os alunos, assim como, as Tecnologias de Informação e Comunicação presentes na vida destes.

DEMO (1993) destaca a importância do Projeto Pedagógico para a contextualização da prática educativa no interior da escola formal, ressaltando que só possuir laboratórios de informática no seio da escola não basta, pois é preciso que a formação de professores e profissionais da educação em geral seja revista no sentido de prepará-los a elaborar e desenvolver Projetos Pedagógicos que incluam a utilização consciente e reflexiva dos laboratórios de informática.

Talvez neste ponto se encontre uma das grandes questões do problema: a preparação/formação dos profissionais da educação. Porém, não é este o tema central deste artigo. Concentrando-se na questão do analfabetismo, pode-se citar SOARES:

A busca de definição ou de legibilidade para a identidade individual e coletiva neste início do século XXI passa também pelo **letramento digital**, conceito que vem juntar-se ao alfabetismo,

formação continuada, flexibilização da aprendizagem, visão de planeta e de humanidade, entre outros. (grifo nosso) (SOARES, 2006, p.15)

Ou seja, ser alfabetizado apenas não tem mais tanto peso quanto antes do advento do microcomputador, já que mesmo os alfabetizados, podem ser analfabetos digitais. E com a crença de que todos têm direito básico à comunicação, garantias de acesso igual, propomos uma educação e democratização dos saberes férteis de elementos de integração na sociedade informatizada, não negando aos alfabetizados adultos a possibilidade de disporem de um conhecimento tecnológico que lhes possibilitará novos horizontes. Mas como afirma SOARES (2006, p.19), “a lucidez pedagógica, como predisposição na gestão da tecnologia de informação e comunicação potencializa a leitura crítica...” para que os estudantes não tenham apenas um conhecimento instrumental, mas reflexivo, sem se perder em utopias, mas consciente da realidade em que está inserido.

SOARES divide conosco sua experiência empírica quando mostra que

Trabalhadores advindos das regiões norte e nordeste do Brasil, ao desembarcar nas rodoviárias e se dirigirem aos canteiros de obra urbanos, se vêm impactados pelas exigências e ritmos impressos no cotidiano das relações letradas, sistematizadas, complexificadas pela comunicação hierarquizada, pactuada com o poder do conhecimento.

A necessidade de apropriação dos códigos de leitura e escrita manifesta-se neste segmento como questão de sobrevivência, no estabelecimento das relações no trabalho e na comunidade, decifrando códigos de segurança, administrando seu banco de horas, conferindo pagamento etc. (2006, p.31)

Difícilmente a sociedade recuará e voltará à época em que tudo era possível sem interferência de tecnologias, mesmo permeando a realidade mundial, para parte dos sujeitos, a tecnologia computacional representa ainda um elemento estranho de difícil compreensão, caracterizando um sistema de dominação, porque é inacessível ao seu entendimento, e

As tecnologias informacionais e seus mecanismos de dominação pela linguagem, forma e conteúdo, contribuem também para o agravamento deste novo analfabetismo que não se restringe aos códigos de leitura, escrita e cálculo, mas também à apreensão do sujeito, das expressões áudio-visuais e dos meios de comunicação, ficando à mercê da tirania das imagens e dos espetáculos da tevê e do vídeo, sem contar a Internet, quando excluídos desse processo de democratização dos saberes necessários para a utilização crítica e consciente do ferramental e da comunicação que veicula. (idem, p.34)

Quando o não saber ler e escrever é confrontado com a presença de tecnologias computacionais no ambiente de trabalho e no cotidiano a situação se agrava. Para CHAVES (1988), na sociedade informatizada, o analfabeto não é aquele que não sabe ler e escrever, mas o que não sabe utilizar a tecnologia no seu dia-a-dia e em benefício de suas necessidades.

IV. PESQUISA EMPÍRICA

Será que alunos e professores da EJA em Curitiba estariam abertos ao uso do computador como um instrumento para a alfabetização? Uma das perguntas feitas aos 18 entrevistados aqui apresentados procura saber a opinião deles sobre esta possibilidade.

A primeira coleta de dados foi realizada em duas escolas no dia 07 de dezembro de 2006. Abaixo estão descritas as entrevistas feitas com alunos da EJA (Ciclos 1 e 2) e as professoras dos respectivos grupos.

Escola 1:

Foram questionados os quatro alunos presentes neste dia e a professora. A professora M. A. fez Especialização em Educação Especial e dá aulas há 24 anos, sendo que sua idade é de 50 anos. A professora contou que os computadores foram roubados da escola. Diz que ler e escrever caminham juntos e que “é interessante usar o computador nas aulas porque enquanto ensina ela também aprende”. Diz que os alunos têm mais campo de pesquisa e descobrem mais quando se utilizam do computador.

Quadro descritivo das entrevistas realizadas com os alunos da Escola 1:

	No- me	idade	Profis-são	Sé- rie	Há quanto tempo estuda nesta escola?	Qual é a tua motivação para estudar?	O que é mais importante na vida ler ou escrever?	O que você pensa sobre aprender com o computador?
1	WIL	14	Estudante	4ª	4 anos	Conta que foi ameaçado pelo pai a ir para o colégio interno se não voltasse a estudar. Diz que “para ser doutor precisa estudar.”	Os dois são importantes.	Gosta porque aprende a pesquisar, ver as coisas.

1	JOC	50	Auxiliar de cozinha	4ª	1 ano	Para ter emprego e remuneração melhores, fazer concursos, se comunicar melhor.	Ler torna mais sábio, desenvolve o eu. Quem não lê é apagado.	Excelente.
2	MAR	28	Auxiliar de cozinha	4ª	6 meses	Para continuar no emprego.	Ler ajuda mais, ex. ler jornal, revista, poesia.	Legal, mais prático para apagar.
3	SIL	34	Auxiliar de serviços gerais	4ª	1 ano	Sem estudo não se consegue nada. Pra tudo tem que ter estudo.	Os dois são importantes. Confessa que sabe ler melhor que escrever.	Ótimo.
4	LUZ	33	Serviços gerais	2ª	3 anos	Para arrumar emprego melhor.	Os dois são importantes	Prefere escrever à mão que no computador por falta de prática.
5	RON	22	Estudante	2ª	2 anos	Porque a mãe mandou.	Os dois são importantes. É importante ler para saber o que está fazendo.	É ruim usar o computador. Prefere escrever à mão porque é mais fácil.
6	CLE	36	Dona de casa	3ª	3 anos	Para falar melhor. Se um dia precisar trabalhar fora.	Os dois são importantes mas ler é mais fácil.	Bom, mas é difícil acentuar as palavras.
7	ADI	44	Serviços gerais	3ª	2 anos	Para ser alguém na vida, pegar um serviço melhor e falar melhor.	Os dois são importantes.	É bom, mas não gosta.
8	ROS	20	Estudante	3ª	6 meses	Para não ficar em casa por causa da depressão. Também por gostar.	Ler.	Gosta.
9	ORL	50	Vendedora	1ª	2 anos	Vontade de aprender mais. Diz que antes não sabia nada.	Ler.	Gosta um pouco.

10	NIL	65	Soldador	1ª	8 meses	Por causa da profissão. Diz que gosta.	Os dois são importantes.	Bom. Diz que é melhor escrever com o computador porque tem dificuldade de escrever à mão.
----	-----	----	----------	----	---------	--	--------------------------	---

Quadro 2

A segunda coleta de dados foi realizada em uma escola no dia 12 de dezembro de 2006. Abaixo estão descritas as respostas às entrevistas feitas com duas professoras da EJA (Ciclos 1 e 2).

Escola 3:

A professora CLA tem 30 anos e dá aulas para a 1ª e 2ª etapas do ciclo 1 da EJA. Diz que dá aula há dez anos, mas faz apenas um ano que trabalha com EJA. Ela diz que a idade dos alunos de seu grupo varia entre 15 a 76 anos. Afirma que por causa desta grande diferença de idade a motivação de cada um é muito diferente.

Em sua fala separa os alunos em dois grupos: os jovens e os mais velhos. Cita os mais jovens com o objetivo de melhorar de vida enquanto os mais velhos com o objetivo de ler a bíblia. Diz que dos dezessete alunos, doze (todos os mais velhos) dizem estar na escola para poder ler a bíblia. A professora diz que os objetivos dos alunos são alcançados, diz também que eles são persistentes. Afirma que os alunos têm, ainda, como objetivo, ler as letras das músicas do coral da igreja para poderem participar do mesmo.

A professora afirma que o primeiro objetivo dos alunos é aprender a escrever o próprio nome e que conforme o primeiro objetivo é atingido eles querem atingir outros objetivos mostrando que não têm intenção de abandonar a escola.

Entre ler e escrever a professora acredita que o mais importante é escrever, mas confessa que os alunos acham mais fácil ler. Diz que uma das alunas, que é doméstica, não querendo depender de ninguém, decidiu estudar para escrever a lista de mercado para poder fazer as compras que a patroa pedia. A professora acaba por dizer que ler e escrever são igualmente importantes.

Quando a pesquisadora perguntou sobre alfabetizar com ajuda do computador a professora CLA disse que não acha uma boa idéia porque “computador é coisa para pessoas alfabetizadas”. Diz que não arriscaria e que os alunos com mais idade têm

resistência ao computador. Afirma que os alunos sabem desenhar bem as letras e que só uma aluna tem dificuldade neste aspecto.

A professora MAR tem 49 anos e está na profissão faz 27 anos, dos quais 8 são de experiência com EJA. Trabalha com 3ª e 4ª etapas do ciclo 2 da EJA.

Diz a professora MAR: nesta escola “os alunos têm aula de informática para terem noção do que há na ‘caixinha mágica’”. Diz a professora que este é o termo usado pelos alunos da EJA quando se referem ao computador.

Diz que sua motivação em dar aulas começou quando fez Licenciatura em Educação Artística. Tem Pós-graduação em Interdisciplinaridade na Educação. Nunca trabalhou com alfabetização porque não fez magistério e diz que alfabetizar é muita responsabilidade e por isso se nega a fazer qualquer experiência sem preparo.

Conta que se encantou com a EJA e diz que em sua opinião as prioridades dos alunos são aprender a ler e escrever e a dominar as quatro operações. A professora diz que os objetivos dos alunos do ciclo 1 são diferentes dos alunos do ciclo 2. Em sua opinião, as pessoas que “já viveram a maior parte da vida sem saber ler e escrever não precisam fazê-lo depois de idosos, já que isso não mudaria nada em suas vidas”.

Ela afirma que os alunos vêm em busca de uma complementação para melhorar no trabalho. Também relata que os alunos dizem querer estudar porque querem ser mais inteligentes e aceitos na sociedade. Para a professora, o importante é trabalhar a questão da criatividade e da cultura, conta que a maior dificuldade dos alunos é interpretar textos.

Também diz que incentiva os alunos a adquirirem um computador, já que aprendem na escola noções de informática. Diz que após as aulas de informática alguns alunos dizem ter realizado um sonho. A professora acredita que não basta aprender a ler e escrever, porque quem não sabe trabalhar com o computador é analfabeto digital.

V. ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro fator a ser observado é que todas as escolas onde a pesquisa foi realizada possuem laboratório de informática com microcomputadores disponíveis para os alunos, salvo a Escola 1, da qual os mesmos foram roubados. Dessa forma a proposta inicial deste artigo é pertinente, já que recursos materiais existem para a prática da alfabetização com auxílio de computador.

Na Escola 3 surge o termo “caixinha mágica”, usado pelos alunos ao se referirem ao computador. O depoimento da professora mostra que os alunos sentem seus sonhos realizados. Isto mostra que algo que parecia distante da realidade dos alunos, na escola torna-se mais próximo, já que, como foi dito, as escolas de EJA possuem laboratórios equipados com microcomputadores.

Os dados recolhidos dão indícios de que há professores abertos para ensinar a ler e escrever com a ajuda do computador e que há alunos abertos para aprender com esta ferramenta. A professora de 50 anos da Escola 1 afirma que é interessante usar o computador nas aulas e que, com isso, os alunos têm mais campo de pesquisa e descobrem mais.

Nas Escolas 2 e 3 os estudantes têm aulas de informática, mas, as opiniões das professoras da Escola 3 se dividem entre acreditar ser importante o conhecimento de informática para a vida dos estudantes e ser um conhecimento desnecessário.

A professora CLA (30 anos) acredita que “computador é coisa para pessoas alfabetizadas” e que os “alunos com mais idade têm resistência ao computador.” Já MAR (49 anos) ressalta que esses adultos voltam a estudar para serem “aceitos na sociedade” e com relação ao computador, ela diz estimular os alunos a adquirirem a máquina, já que aprendem noções de informática na escola e que somente ler e escrever não basta, sendo necessária a alfabetização digital.

Outro dado bastante relevante é colocado pela professora MAR quando afirma que após as aulas de informática alguns alunos dizem ter realizado um sonho, ou seja, existe uma consciência entre os estudantes da importância da inclusão digital. Além de buscarem aprender a ler e escrever, os alunos também sentem necessidade de dominar a tecnologia computacional.

Na Escola 1, dos quatro entrevistados, apenas uma aluna diz não gostar da idéia de aprender com o computador, já na Escola 2, dos dez estudantes, três disseram não gostar do uso do computador na escola. Um dado que se destaca na pesquisa, contrariando o senso comum e a fala da professora CLA, é que dos 14 entrevistados, apenas quatro disseram não gostar da idéia de ter o computador enquanto recurso para alfabetização, e destes, somente um é idoso, com 72 anos, os demais têm 22, 33 e 44 anos de idade. Vale lembrar que 50% dos entrevistados têm mais de 40 anos, sendo que, os alunos de 65, 62, 56 e 50 anos se mostraram receptivos ao aprendizado com uso do microcomputador.

Normalmente somos levados a acreditar que as pessoas com mais idade são resistentes às tecnologias, e os jovens são abertos e têm facilidade com as ferramentas tecnológicas, mas ao analisarmos o Quadro 2, percebemos que um estudante de apenas 22 anos de idade diz que “é ruim usar o computador” e que prefere escrever à mão porque é mais fácil. Já o aluno NIL de 65 anos acredita que o uso do computador é “bom”, e que é melhor escrever com o computador porque tem dificuldade de escrever à mão. Com esses dados temos uma pequena amostra de que a idade não invalida as pessoas de se tornarem aprendizes, desde que estejam abertas para novos conhecimentos. Assim têm-se indícios de que não é real o preconceito ou medo exacerbado dos idosos em relação às tecnologias computacionais.

A utilização do microcomputador como ferramenta para o aprendizado da escrita ajudaria especialmente os alfabetizando adultos que têm dificuldade de coordenação motora fina, como foi afirmado pelos estudantes JOA (62 anos) e NIL (65 anos).

Apesar de a pesquisa ter uma amostragem relativamente pequena, alguns preconceitos são invalidados, abrindo-se novos horizontes para a alfabetização de jovens e adultos com o auxílio de computador.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Será que a tecnologia computacional poderia ajudar a combater mais rapidamente o analfabetismo e simultaneamente o analfabetismo digital?

Sabemos que o adulto quando entra na educação formal tem certas prioridades e urgência em atualizar seus conhecimentos. Por isso todo recurso que apresse seu aprendizado será um meio para que o aluno adulto motivado não se desanime no processo, mas, perceba que seu objetivo está sendo atingido rápido e continuamente.

Como podemos observar na fala da aluna MAR no quadro 2 os adultos querem viver a praticidade que a tecnologia proporciona. MAR (28 anos) assim expressa sua opinião sobre o uso do computador: “Legal, mais prático para apagar”.

Após a análise dos dados observa-se que há novas possibilidades para tratar do analfabetismo. Consideramos que alfabetizando os jovens e adultos com o auxílio do microcomputador, estes desenvolverão menos aversão à utilização desta tecnologia em outras situações.

A utilização do microcomputador como ferramenta para o aprendizado da leitura facilitaria também o reconhecimento dos símbolos em materiais impressos em razão da proximidade que esses têm com o computador.

Concluimos, portanto, propondo que a alfabetização de jovens e adultos com suporte de meios digitais seria um recurso interessante e mesmo necessário para além de aprender a ler e a escrever, os estudantes sejam alfabetizados digitais.

Porém esta é apenas uma discussão inicial que procurou relacionar alguns aspectos da realidade dos jovens e adultos alfabetizados às novas possibilidades que a tecnologia pode oferecer. Acreditamos ser este um tema importante para a Educação, e esperamos que outros pesquisadores e alfabetizadores manifestem suas contribuições.

VII. BIBLIOGRAFIA

BOVO, Vanilda Galvão. **O uso do computador na Educação de Jovens e Adultos.**

Rev. PEC, Curitiba, vol.2, n.1, p. 105-112, jul. 2001, jul. 2002.

BRANDÃO, C. R. **Lutar com a Palavra. Biblioteca de educação.** Rio de Janeiro:

Graal, 1982.

BRITO, Gláucia da Silva & PURIFICAÇÃO, Ivonélia. **Educação e novas tecnologias:**

um re-pensar. Curitiba: Ibpx, 2006. 120p.

CAPOVILLA, F. C. (Org.) **Os novos caminhos da alfabetização infantil.** 2ª ed. São

Paulo: Memnon, 2005.

DEMO, P. **Desafios Modernos da Educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FREIRE, P. **Educação e Mudança.** Trad. Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio

de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política.** Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 1975.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos.** 9 ed. São Paulo:

Cortez, 1994.

RIBEIRO, V. M. M. (Org.). **Letramento no Brasil.** São Paulo : Global; Ação

Educativa; Instituto Paulo Montenegro, 2003.

RIBEIRO, C. Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem. **Psicologia:**

Reflexão e Crítica, 2003, 16(1), pp. 109-116.

SOARES, Suely Galli. **Educação e Comunicação: o ideal de inclusão pelas**

tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica. São Paulo:

Cortez, 2006.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2005.

VARGAS, Milton. **Para uma filosofia da tecnologia.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1994.

Consultas eletrônicas:

[<http://www.ppgte.cefetpr.br/genero/tecnologia.htm>]: **TECNOLOGIA** Por Marília Gomes de Carvalho, Samara Feitosa e Sandro Marcos Castro de Araújo. Disponível em 12/12/2006.

[<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/educacao.html>]. Disponível em 15/12/2006.